

ALICE PESTANA, CUATRO VECES NADA UNA ESCRITORA PORTUGUESA FEMINISTA EN ESPAÑA

MIGUEL FILIPE MOCHILA

Universidad de Puerto Rico, CECOMP
miguel.mochila@upr.edu

RESUMO: Alice Pestana (1860-1929) é uma escritora, jornalista e pedagoga feminista portuguesa que, apesar da sua intensa actividade cultural, e à semelhança de muitas outras intelectuais e escritoras, está hoje quase totalmente ausente das histórias culturais portuguesas. Para compreendermos a extraordinária relevância da vida e da obra da autora, adoptaremos uma perspectiva ibérica, que revela o seu papel como mediadora cultural central e figura activa nos círculos intelectuais espanhóis mais progressistas do início do século XX. Descobriremos assim uma feminista pioneira, quer através das suas intervenções públicas, quer através dos seus textos literários, como a narrativa feminista “Genoveva Montaña”, traduzida para espanhol e publicada em *La España Moderna* em 1900.

PALAVRAS-CHAVE: Alice Pestana; Feminismo; Estudos Ibéricos; Tradução.

ALICE PESTANA, FOUR TIMES NOTHING. A Portuguese Feminist Writer in Spain

ABSTRACT: Alice Pestana (1860–1929) was a Portuguese feminist author, journalist, and pedagogue whose work has received scant attention in Portuguese cultural histories. Like many other female intellectuals and writers of her time, her life was marked by intense cultural activity which has not been sufficiently studied by modern scholars. This study aims to examine her participation in progressive intellectual circles in early twentieth-century Spain and provide an understanding of her role as a cultural mediator. It adopts an Iberian perspective to reveal her as a pioneering feminist, evident in both her public activism and her literary works, such as the narrative “Genoveva Montaña”, which was translated into Spanish and published in *La España Moderna* in 1900.

KEYWORDS: Alice Pestana; Feminism; Iberian Studies; Translation.

1. Caïel, “Glória de Portugal”

Idas hoje, são sem dúvida surpreendentes as palavras com que Teófilo Braga (1900: 5) qualifica, em Julho de 1900, em páginas de *La España Moderna*, uma escritora que assinava, nas páginas dessa mesma publicação, como Caïel, dizendo-a uma “glória de Portugal”. Surpreendem, desde logo, pois só raríssimas pessoas saberão que este é, na verdade, um dos vários pseudónimos empregues pela escritora, jornalista e pedagoga portuguesa Alice Pestana (1860-1929). Poucas mais serão as que a conhecerão até pelo nome próprio, desentendendo, por conseguinte, por que motivo e por que vias se pôde fazer ela assim presente, com tão retumbante epíteto, num dos mais marcantes periódicos espanhóis de Novecentos, pela mão de um dos mais prestigiados intelectuais portugueses do momento, nada mais nada menos que como figura cimeira de toda uma cultura nacional que hoje a ignora quase por inteiro. A autora empregou amiúde, com efeito, pseudónimos nos seus textos criativos,

mas sem diluir por inteiro o vestígio do seu nome real, assinando como Célia Elevani, Eduardo Caïel, Cil, ou, como neste caso, Caïel, recorrendo, portanto, ao anagrama e ao masculino para se nomear sub-reptícia e lateralmente, índice obstinado de uma identidade transtornada por uma ordem desigual.

Autora de narrativa longa e breve e de literatura infantil, como *Às Mães e às Filhas* (1886), *Amor à Antiga* (1894), *A Filha de João do Outeiro* (1894), *Madame Renan* (1896), *Genoveva Montanha* (1897), *Primeiras Leituras* (1899), *O Tio Victorino* (1900), *Testamento de Mãe* (1900), *Desgarrada* (1902), *De Longe* (1904), ou *Retalhos de Verdade* (1908), a sua invisibilidade actual faz-se tão mais perturbante quanto mais não responde à intensa faceta pública da sua actividade como jornalista empenhadamente feminista, relatada por Esteves (2001: 87-112), com profícua colaboração na imprensa portuguesa, em parte reunida no volume *Comentários à Vida* (1900), em publicações como *Correio da Noite*, *Diário de Notícias*, *Espectro da Granja*, *Folha do Povo*, *Repúblicas*, *O Século*, *O Tempo* e *Vanguarda*. Do seu empenhamento público é testemunho outrossim o facto de ter dirigido a *Revista Branca* (1899-1900), ou de ter colaborado com *Sociedade Futura* (1902), denotando uma vocação para a acção social e pedagógica de pendor progressista pioneira em Portugal, tendo sido responsável pela fundação da Secção Feminina da Liga Portuguesa da Paz, em 1899, de que foi a primeira presidente, lançando-se assim com primazia nas iniciativas de organização feminista em Portugal.

Este texto, a pretexto da publicação da tradução da sua novela *Genoveva Montanha* em *La España Moderna*, em 1900, propõe-se assinalar, por um lado, a relevância da autora como figura destacada no domínio das relações ibéricas do seu tempo, em razão da abundância e longevidade das suas relações pessoais, intelectuais e literárias com Espanha. Por outro lado, procura demonstrar que mais se justifica devolver à autora, através desta leitura ibérica, a atenção de que uma perspectiva estritamente nacional a tem privado, conquanto as suas relações peninsulares a inscrevem com destaque, conforme evidenciarei, num movimento feminista de dimensão peninsular. Com efeito, enquadrando a sua acção e obra nesse movimento, descobriremos uma figura que, tanto

como pedagoga como enquanto ficcionista, constrói uma pregnante crítica feminista do seu tempo, de que a tradução da novela aqui analisada se faz exemplar. Uma interpretação da literatura de Pestana está também ainda largamente por realizar, pelo que na parte final deste trabalho enceto justamente uma leitura feminista de *Genoveva Montanha*.

2. Estudos Ibéricos, Feminismo e Tradução

Nos últimos anos, estudos inscritos no âmbito dos Estudos Ibéricos têm dado razão à asserção de Guillén (1989: 235) segundo a qual, “como objeto de la historia literaria, la literatura nacional es, en la mayoría de los casos, desde una perspectiva histórico-literaria, una institución no sólo insuficiente, sino también espuria y fraudulenta”. Em particular no que concerne às relações luso-espanholas, férteis no período que aqui me ocupa, a transição do século XIX para o século XX, procurei demonstrar recentemente (Mochila, 2022) o modo como Eugénio de Castro, um autor português hoje secundarizado pela história literária nacional, adquire, a uma leitura ibérica, uma centralidade transcendente. Com efeito, no âmbito das intersecções literárias e culturais entre Portugal e Espanha, um dos seus mais profícuos estudiosos, Sáez Delgado (2014: 32-33), sublinhou justamente o modo como uma abordagem polissistémica permite oferecer uma perspectiva inclusiva de fenómenos estéticos e culturais por norma omitidos no seio das historiografias nacionais, em particular se libertarmos o discurso histórico da circunscrição aos cânones tradicionais e atendermos não apenas a elementos de produção, mas também de recepção e mediação cultural, os quais lançam luz sobre agentes habitualmente subalternizados. É justamente o caso de Alice Pestana, autora portuguesa hoje tão invisibilizada como tantas outras, cujas relações espanholas lhe conferem uma notável relevância histórica, ainda largamente por estudar.

Para que possamos dar-lhe o justo lugar no âmbito da história cultural portuguesa, urge ressitua-la, precisamente, numa perspectiva ibérica e feminista, dando ênfase à sua inusual tradução no âmbito castelhano. Para tal, importa não perder de vista, desde logo, o carácter construído do discurso histórico, destacado por autores de orientações diversas, como Collingwood, Gadamer, Danto, Gallie, Ricoeur, Barthes ou

Hite (cf. Santiáñez, 2001: 79), a partir do que se faz pertinente confrontar os cânones nacionais como produto de condicionantes histórico-ideológicas demarcadas por estruturas nacionalistas, elitistas e patriarcais. Precisamente num texto onde ensaia uma proposta feminista para os Estudos Ibéricos, Harkema (2019) evoca os esforços empreendidos durante as *culture e canon wars* no sentido de promover reformas interpretativas que visibilizassem as experiências de grupos minorizados e subalternizados, em particular atendendo às categorias de raça, classe social e género, reportando-se ao trabalho de Andersen e Hill Collins (1992), destacando o modo como um tal ensejo se adequa aos princípios epistemológicos dos Estudos Ibéricos, já que nestes, “Frente al modelo del canon nacional y monolingüe, se reivindicó el estudio de lenguas y literaturas minorizadas dentro del estado español, principalmente el catalán, el gallego y el euskera”, promovendo outrossim “una verdadera explosión del concepto de canon ‘español’, con la apertura no solo a las lenguas no castellanas de España, sino también a la tradición cultural de otro estado, Portugal, con su propio idioma y canon” (Harkema, 2019: 138).

É neste horizonte que uma abordagem da tradução espanhola da escritora portuguesa Alice Pestana se inscreve, assumindo, por um lado, que uma das funções da crítica feminista é “el rescate de estas escritoras secundarias o menos atendidas por la historia tradicional, pero interesantes de todo punto si queremos comprender la literatura en su contexto” (Servén Díez, Bados Ciria, Noguera Guirao e Sotomayor Sáez, 2007: 32), e, por outro, que uma das consequências mais produtivas que o estado actual dos Estudos Ibéricos promete, na senda do questionamento que há já vários anos vêm ensaiando dos cânones nacionais, é a sua abertura a aspectos que não apenas os linguísticos (Calderwood, 2018: 122-123) e que, como destaca Harkema (2019: 138), tem passado pela atenção a questões de raça e de classe na abordagem descolonial e pós-nacional por Joseba Gabilondo.

Ora a autora propõe que se amplie esta abertura também às questões de género, evocando o texto de Pura Fernández em introdução a *No hay nación para este sexo. La Re(d) pública transatlántica de las Letras* (2015), que justamente nota o modo como o constructo identitário de nação serviu de obstáculo para as mulheres de letras, e concluindo:

me parece imprescindible partir de las periferias, no solo las geográficas, sino también los márgenes del canon literario conformado según el modelo nacional y monolingüe. Como señalaron las académicas que intervinieron en las ‘guerras culturales’ estadounidenses, históricamente el canon ha reflejado los valores del patriarcado, en cuanto ha dejado de reconocer la literatura de autoría femenina. (Harkema, 2019: 139)

Em face desta marginalidade, as mulheres de letras procuraram, como o caso de Alice Pestana cabalmente revela a um nível ibérico, e conforme recorda Harkema, redes que transcendessem o centro nacional, estabelecendo-se desde a periferia, o que levou Braidotti (2011: 7) a falar de uma necessária “resistance against methodological nationalism”, ao passo que Reimóndez (2013; 2017) ou Fernández (2015) demonstram que pensar as literaturas e culturas ibéricas na perspectiva das mulheres passa forçosamente por fazer a crítica do marco nacional.

É, no entanto, evidente que há ainda um longo trabalho pela frente neste domínio, quer seja porque as poucas autoras entretanto recuperadas no contexto de um certo iberismo finissecular – Rosalía de Castro, Emilia Pardo Bazán, Carmen de Burgos ou Ana de Castro Osório – surgem amiúde estudadas isoladamente (Harkema, 2019: 141), quer seja porque sofrem uma paralela secundarização por se terem destacado frequentemente em géneros e âmbitos que os cânones tradicionais subalternizam ou até omitem, conforme notaram Edfelt (2006: 118-122) e Ezama Gil (2013: 102). É o caso de Ana de Castro Osório e de outras autoras da Primeira República portuguesa, entre as quais se inclui justamente Alice Pestana, como autora de literatura infantil.¹

Precisamente neste ponto, no texto citado, Harkema reclama atenção para um outro campo de produção que os cânones tradicionais também subalternizam: a tradução, prática particularmente fértil

¹ É neste horizonte que surgem textos de referência para compreender a pertinência de cruzar Estudos Feministas e Estudos Ibéricos, como os trabalhos de Bermúdez e Johnson (2018) e Cordero-Hoyo e Soto-Vásquez (2020). Cabe também destacar a recente realização do Colóquio IBÉRICAS – Mulheres e Mediação Cultural no Espaço Peninsular, organizado pelo *cluster* DIIA – Diálogos Ibéricos e Ibero-Americanos do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, em Portugal, nos dias 23-25 de Novembro de 2022.

de inquirições para uma abordagem transnacional como a proposta pelos Estudos Ibéricos, conforme salientam propostas recentes de Santana (2015), Gimeno Ugalde (2021), Gimeno Ugalde, Pinto e Fernandes (2021), e que recusa, como vimos, a circunscrição ao domínio nacional ou monolingue, assumindo uma posição marginal, fazendo-se urgente muito em concreto no que respeita à abordagem de autorias também elas marginalizadas, como são as das mulheres escritoras e/ou tradutoras:

Precisamente porque los estudios ibéricos engloban varios cánones y también se sitúan en los intersticios, los espacios entre tradiciones, deben prestar atención a las periferias de todos los espacios literarios ibéricos. La marginalidad de la mujer es un fenómeno que históricamente han compartido todos estos ámbitos. También lo es la traducción, una forma de producción cultural frecuentemente invocado dentro de los estudios ibéricos. (Harkema, 2019: 140)²

Ora se a autora destaca alguns estudos que dão conta das relações entre perspectivas de género e literaturas periféricas na Península, ou que dão relevo à tradução em marco ibérico, ou mesmo que salientam o papel das mulheres enquanto tradutoras (idem: 142-143), o certo é que se trata este de um trabalho ainda em fase embrionária, conforme se constata pelo balanço realizado por Pérez Isasi e Rodrigues a partir do seu Mapa Digital destinado ao levantamento das relações literárias e culturais internas à Península no período estudado (1870-1930), destacando o baixo número de escritoras mapeadas, associando-o às limitações sociais, culturais ou económicas das mulheres, que faziam que estivessem menos presentes em termos de volume de publicações, mas também ao menosprezo que estudiosos e críticos destas matérias às mesmas votaram:

por un lado, las mujeres han recibido una atención muy minoritaria en el campo de los Estudios Ibéricos, que hasta cierto punto ha heredado el canon y el sesgo patriarcal de las respectivas literaturas nacionales; por otro lado, los estudios sobre la historia y la teoría del feminismo, que han experimentado un gran desarrollo en las últimas décadas, han estado

² Nota a autora que a tradução é, com efeito, veículo particularmente fértil para o fomento do debate feminista. Recorde-se, a este respeito, a polémica tradução, em 1905, de *La inferioridad mental de la mujer* por Carmen de Burgos (cf. Simón-Palmer 2010; Sánchez 2014).

centrados mayoritariamente en el ámbito nacional y regional (Pérez Isasi e Rodrigues, 2021: 3).

Assim, Pérez Isasi (2021: 36), em particular, afirma que “parece muy claro que es necesario realizar investigaciones más amplias sobre la producción de autoría femenina y su papel en las interacciones ibéricas”, denunciando argutamente o modo como, embora renunciando, pelo menos aparentemente, aos cânones nacionais, os Estudos Ibéricos correm o risco de incorrer no seu próprio cânone de “grandes nomes” (idem: 33). Tais nomes – Gil Vicente, Camões, Unamuno, Maragall, Pascoaes, Pessoa, Torga ou Saramago – são, paradigmaticamente, quase todos masculinos.

3. Alice Pestana em Espanha

Se pretendemos confrontar criticamente esta tendência, poucos casos serão tão profícuos quanto o de Alice Pestana, já que se trata esta de uma autora quatro vezes invisibilizada: como mulher, vítima do mesmo apagamento a que outras foram sujeitas; como autora cuja relevância só é completamente constatável à luz de uma leitura ibérica, e como tal divergente da ainda vigente prevalência dos discursos históricos nacionalistas; como autora que, atendendo a esse seu carácter transnacional, encontra na tradução uma expressão fulcral da sua acção cultural, vendo-se portanto subalternizada também pela habitual secundarização a que esta prática é sujeita no discurso histórico tradicional; e ainda como republicana ao arrepio da ideologia e dos poderes dominantes na sua época. É assim que uma análise da sua tradução nas páginas de *La España Moderna* permite responder ao desafio proposto por Harkema (2019: 147-8):

Investigar y estudiar los textos que ocupan los márgenes del canon tradicional, que pueden incluir tanto textos escritos por mujeres como textos traducidos, constituiría un paso desde una insistencia en lo autónomo o autóctono (...) a una exploración de la interdependencia de las literaturas ibéricas, y del carácter nómada del sujeto escribiente peninsular.

Uma tal presença não é fortuita. Pérez Isasi e Rodrigues (2021: 11) alertaram já para a significativa dimensão ibérica da autora, afirmando que “el papel de Alice Pestana como enlace entre Portugal y España (...) en el final del siglo XIX y comienzos del siglo XX la convierte en una figura sin duda merecedora de más atención de la que hasta ahora ha recibido”, e eu próprio constatei a sua relevância num estudo sobre a presença portuguesa nas publicações periódicas do modernismo castelhano (Mochila, 2022a). A sua relação com o país vizinho é íntima, já que nele vive a partir de 1901, depois de contrair matrimónio com Pedro Blanco Suárez, professor da Institución Libre de Enseñanza de Madrid, uma relação que, na circunstancialidade de unir uma mulher de 41 anos e um homem de 32, tem já o seu quê de transgressor de uma certa ordem, conforme revela, aliás, o relato de Bernardino Machado do primeiro contacto entre o casal, logo de início marcado pelo inconformismo feminista da escritora: quando, em 1898, o espanhol escreve ao português questionando-o sobre o estado da questão feminista em Portugal, e tendo o português respondido com uma lista de autoridades na matéria, encabeçada justamente por Alice Pestana,

E, como ao contrário de Portugal, em Espanha se dá usualmente o título de *dom* ao homem e não à mulher, que, em verdade, o dispensa, ele, por não ser fácil decifrar a minha letra, incorreu no feliz equívoco de se dirigir a D. A. Pestana. *Muy Señor mío*, segundo a cerimoniosa fórmula castelhana, provocando uma amável rectificação, que foi a primeira e, por sem dúvida, a melhor revelação que lhe podia ser feita do feminismo português. (Machado, 1930: 32)

Invertendo assim a típica direcção da relação homem-mulher no seio do casamento intelectual, que a submete a um papel serviçal, é ele que se fará seu tradutor, animado muito em particular pela admiração pelo trabalho de Pestana como pedagoga. Com efeito, após o matrimónio, a portuguesa, que através de Blanco Suárez conhecera Giner de los Ríos em 1890, faz-se também colaboradora da ILE, onde ensinou francês e inglês, tendo animado a partir de então várias empresas pedagógicas, destacando-se, neste domínio, o Protectorado del Niño Delincuente.³

³ Esta iniciativa marcaria profundamente a sua imagem no contexto da vida pública espanhola. Em 1930, após a sua morte, surge em sua homenagem *Alice Pestana*. In *Memo-*

Em Espanha, e no convívio com a intelectualidade madrilena, encontra, pois, Alice Pestana espaço para prosseguir a sua demanda como educadora. Com efeito, e de acordo com Blanco Suárez, na ideação do Protectorado teve parte fundamental, como fonte de inspiração, a obra de Concepción Arenal (cf. Charnon-Deutsch, 2005: 187-206). Do cruzamento empenhado entre pedagogia e feminismo dão conta as obras que sobre estas matérias produziu a autora, de *O que deve ser a instrução secundária da mulher* (1892) a *La educación en Portugal* (1915), passando por *La femme et la paix; appel aux mères portugaises* (1898) e *Relatório de uma visita de estudo a estabelecimentos de ensino profissional do sexo feminino no estrangeiro* (1893).⁴

O primeiro destes textos resulta da conferência com que participou no Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano de 1892, onde se cruzou, não apenas com Concepción Arenal, mas também com María Goyri e Emilia Pardo Bazán, inscrevendo-se, portanto, num movimento internacional de fundo feminista, que, conforme assinalai, é estratégia corrente para a sistematização e institucionalização de um território público que a norma machista e nacionalista negava a estas mulheres. Do seu ímpeto não apenas internacionalista, mas propriamente ibérico, dá igualmente conta a “Crónica de Espanha” que entre 1903 e 1904 publicou no *Diário de Notícias*, numa época em que colaborava também com *La Lectura*, *El Liberal*, *El Imparcial*, *Boletín de la Institución Libre de Enseñanza* e *La España Moderna*. Ainda neste horizonte, cabe destacar a sua actividade como tradutora do espanhol, tendo vertido para portu-

riam. 1860-1929 (Madrid, Ed. Julio Cosamo), com textos de Teófilo Braga ou Bernardino Machado. Em 1935 a mesma editora publica *El Protectorado del Niño Delincuente. Un Ensayo de Educación Correccional* de Alice Pestana, com introdução de Machado e recolha dos vários textos dispersos da autora sobre esta iniciativa, bem como das reacções que suscitou no meio cultural ibérico.

⁴ Ao contrário do que acontece quanto à sua produção literária, a acção e obra pedagógicas de Alice Pestana têm merecido alguma atenção crítica. Vejam-se, nesta matéria, a tese de Mestrado de Isabel Maria dos Santos Baptista da Câmara, *A faceta pedagógica de Pestana e as suas relações ibéricas* (Universidade Nova de Lisboa, 1996), ou, mais recentemente, os estudos de José María Hernández Díaz que justamente integram a intervenção pedagógica da autora em marco ibérico, “Alice Pestana, educadora portuguesa republicana en la Institución Libre de Enseñanza” (2012), e “Krausoinstitucionismo, positivismo y educación en Alice Pestana” (2022).

guês *Marianela* de Serafín e Joaquín Álvarez Quintero, peça de estreia de Amélia Rey Colaço no Teatro República, em 17 de Novembro de 1917; *Pipola e Assim se Escreve a História*, dos mesmos autores, estreadas no Teatro Nacional em Março de 1920 e também no Teatro São Luís a 28 de Dezembro de 1928, respectivamente; e *Dolorosa*, de Francisco Acebal.

Não foi esta uma via de sentido único. Conforme notam Pérez Isasi e Rodrigues (2021: 10), Alice Pestana é uma das autoras portuguesas mais traduzidas da sua época, segundo os dados mapeados por Torres Feijó (2007: 365): no país vizinho surgem *Genoveva Montaña*, com prólogo de Teófilo Braga, publicado por Fernando Fe, em Madrid, editora vinculada ao krausismo e à ILE, em 1900, com “versión española por Un Lusófilo” que será provavelmente Blanco Suárez; *Cuentos*, em 1903, na barcelonesa Librería Española, com as iniciais do marido a identificar o autor da tradução; e *Desgarrada*, em 1909, romance traduzido por Hermenegildo Giner de los Ríos, na também barcelonesa F. Granada y Cia.

4. Movimentos Feministas em Contexto Ibérico

Eis como o realce das relações castelhanas de Alice Pestana se faz pertinente para responder ao supracitado desafio de Harkema, convocando um par de fenómenos marginalizados pelos cânones tradicionais que aqui acham contraponto, através de uma leitura ibérica: a autoria feminina e a tradução. Com efeito, a autora, nascida em Santarém e falecida em Madrid, e traduzida, como vimos, como “gloria de Portugal” em páginas de umas das mais influentes publicações periódicas de finais do século XIX e primeiro terço do século XX, faz-se caso paradigmático da pertinência de explorar quer a “interdependencia de las literaturas ibéricas”, quer o “carácter nómada del sujeto peninsular” a que se refere Harkema, e da urgência de inscrever o dito sujeito no marco da crítica feminista, mais ainda quanto menos estudado tem sido o fenómeno das relações do feminismo espanhol com o português, pesem embora alguns dados e indícios relevantes, e alguns estudos pontuais (cf. Pérez Isasi e Rodrigues, 2021: 11-12)

Neste horizonte, Pérez Isasi e Rodrigues (idem: 13) destacaram recentemente a existência de associações feministas em ambos os países,

nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas de Novecentos, época que assiste ao incremento de reivindicações várias, do direito ao voto e à livre discussão do divórcio ou do aborto, associações essas através das quais, embora não contendo estas uma vocação especificamente iberista, se estreitavam redes transnacionais entre mulheres de um e do outro lado da fronteira e mais além, da Junta de Damas Iberoamericanas, de pendor católico e conservador, que contou com a participação da portuguesa Olga de Moraes Sarmento⁵, à Liga Internacional de Mujeres Ibéricas e Hispanoamericanas, que acopla a Cruzada das Mulheres Portuguesas e a Cruzada de Mujeres Españolas, fundada por Carmen de Burgos, inspirada talvez pela congénere portuguesa —de que era, aliás, sócia honorária—, a que por sua vez chegara através de Ana de Castro Osório, sua amiga próxima, uma das fundadoras, em 1907, do Grupo Português de Estudos Feministas e autora de *As Mulheres Portuguesas*, habitualmente considerado o primeiro manifesto feminista português.

A espanhola, aliás, que em páginas de *Cosmópolis* dedicou diversos textos à literatura portuguesa,⁶ valorizou de forma verdadeiramente pioneira as autoras do país vizinho, referindo-se, num artigo dedicado às escritoras portuguesas e publicado na mencionada revista em 1921, a várias dezenas de nomes (cf. Pérez Isasi e Rodrigues, 2021: 8), incluindo algumas das mais importantes figuras do feminismo português coevo, de Ana de Castro Osório a Maria Amália Vaz de Carvalho, de Virgínia de Castro e Almeida a Virgínia Victorino, e entre as quais encontramos, justamente, Alice Pestana.

A tradução da obra da escritora portuguesa nas páginas de *La España Moderna* inscreve-se, portanto, plenamente nos questionamentos feministas do seu tempo, de um e do outro lado da fronteira. Se nesta mesma publicação Emilia Pardo Bazán denunciava, em 1890, que os progressos político-culturais do século XIX, ao nível das conquistas de liberdade política, de culto ou do sistema parlamentar, não só não tinham servido à emancipação feminina, como tinham agudizado as diferenças

⁵ A portuguesa, cujo feminismo é bastante conservador e restrito, conheceu pessoalmente Carmen de Burgos e Concepción Gimeno de Flaquer (cf. Esteves, 2001: 91).

⁶ Acerca das relações portuguesas de Carmen de Burgos, veja-se Dolce (2018) ou Navarro Domínguez (2010; 2014).

entre os géneros, a intervenção pedagógica de Alice Pestana inscreve-se outrossim de pleno direito na vanguarda da reflexão sobre tal matéria no seio do movimento feminista espanhol de inícios de Novecentos, por figuras como Concepción Arenal, Carmen de Burgos e Pardo Bazán (cf. Gas Barrachina, 2018: 619), contra a persistente atribuição à mulher de uma função fundamentalmente doméstica, vedando-lhe o acesso à educação superior até 1910.

Com efeito, em finais do século XIX, o analfabetismo feminino rondava os 70% em várias zonas de Espanha (cf. Gómez Trueba, 2002), ao passo que em Portugal era de 85% (cf. Esteves, 2001). Privadas de direitos políticos, inferiorizadas legal, social e culturalmente, autoras peninsulares procuravam afinar as suas demandas feministas pelos movimentos internacionais. Em Espanha, a questão feminina surge com frequência nas páginas de jornais e revistas culturais como *La España Moderna* ou *La Lectura*. Em “La biblioteca de la mujer”, criada em 1892 sob direcção de Pardo Bazán, surge *La esclavitud femenina* de Stuart Mill, ao passo que a própria raduz *La mujer ante el socialismo*, de Ferdinand August Babel (cf. Gómez Trueba, 2002: 2). Inspirada pela escola krausista e suportada pela Institución Libre de Enseñanza (cf. Ena Bordonada, 2021: 38), e centrando-se embora numa minoria privilegiada (cf. Cabrera Bosch, 1988: 34-36), a acção pedagógica do feminismo espanhol registara já importantes conquistas, como a criação da Escuela de Institutoras, em 1869, em substituição da Escuela Normal de Maestras, ou da Asociación para la enseñanza de la mujer em 1870, com a sua revista *La Instrucción para la Mujer*, criada em 1882. Surgem também estudos de Sofía Tartilán, *Páginas para la educación popular* (1877), ou *La mujer del porvenir* (1869) e *La mujer de su casa* (1883) de Concepción Arenal (cf. Gómez Trueba 2002). Tertúlias de Carmen de Burgos ou de Concha Espina promovem um senso de associativismo feminista, que se reveste de formas e ideologias diversas, da burguesia conservadora e católica a sectores progressistas, de núcleos nacionais a internacionais (cf. Ena Bordonada 2021: 40), que teve em diversos congressos pedagógicos, como o já mencionado Congresso Hispano-Português-Americano de Madrid, em 1892, uma das suas mais notórias e consequentes manifestações.

Em Portugal, uma elite de escritoras, médicas, professoras e educadoras, entre as quais se conta justamente Pestana, trilhavam semelhante caminho, também elas atentas a coevos e concordantes movimentos internacionais, em particular em França e Espanha, aproximando-se de figuras como Jeanne Oddo-Deflou, Concepción Arenal, Concepción Gimeno e Carmen de Burgos (cf. Esteves 2001: 87). Como observa Esteves, os vocábulos “feminino”, “feminismo” e “feminista” surgem então em diversos títulos, à medida que a presença feminina ganha terreno no seio dos periódicos republicanos. Surge, no republicano *O Mundo*, a secção *Jornal da Mulher* (1906). O Congresso Nacional do Livre Pensamento (1908) conta com uma delegação feminina, ao passo que a Liga Portuguesa da Paz tem com uma Secção Feminista dirigida, como vimos, por Alice Pestana, no seio da qual se dá, segundo Virgínia Quaresma, secretária da direcção, e conforme salienta Esteves (2001: 91), o primeiro episódio público assumidamente feminista em Portugal, na sessão de formalização de 18 de Maio de 1906, que contou com um discurso de Olga de Moraes Sarmiento, editado em Junho desse mesmo ano com o título *Problema Feminista*, e de Teófilo Braga, precisamente o autor do texto sobre Alice Pestana em *La España Moderna* a que me referi no início deste texto. Com efeito, organizadas em salões literários e em associações, escritoras como Beatriz Pinheiro de Lemos, Olga de Moraes Sarmiento, Albertina Paraíso ou Aureliana Teixeira Bastos trazem a questão feminina para o debate público, animando revistas feministas, como *Sociedade Futura* (1902-1904) e *Alma Feminina* (1907-1908), algumas de teor também republicano, como *O Mundo*, *A Vanguarda* ou *A República* (cf. Esteves, 2001: 93-94), nas quais, como vimos, Alice Pestana marcou presença regular.

5. Alice Pestana em *La España Moderna*

Também assim em *La España Moderna*, uma das mais longevas e prestigiadas publicações culturais espanholas de finais de século XIX e inícios do século XX, na qual Emilia Pardo Bazán viria a adquirir extraordinária importância, tanto na assiduidade das suas colaborações, como na própria ideação da revista (Sotelo Vásquez, 2014), o que em grande medida justificará a importância que nas suas páginas adquiriu

a “cuestión femenina” (Davies, 2012).⁷ A atenção da publicação a Alice Pestana resultará, outrossim, de um interesse global por matérias portuguesas, interesse esse que é, em larga medida, político-ideológico, no marco da comum condição de decadência semiperiférica de Portugal e Espanha (cf. Mochila, 2022a) e que encontra também em Pardo Bazán uma das suas mais proeminentes cultoras,⁸ destacando-se o texto que, em Junho de 1889, e a propósito de uma viagem a Beja, dedica a Mariana Alcoforado, “La Eloísa portuguesa”,⁹ exaltando, por um lado, o arrojo antinormativo da “monja portuguesa” e, por outro, empregando a intriga em torno da publicação das suas cartas para ensaiar uma aproximação iberista em explícita oposição a França.

Alice Pestana surge em *La España Moderna*, como indicámos, sob o pseudónimo Caïel, com a sua novela “Genoveva Montaña”, publicada em quatro números, entre Julho e Outubro de 1900, antecedida pelo mencionado texto de apresentação de Teófilo Braga, e antes ainda da resenha crítica que lhe dedica Enrique Gómez de Baquero, o mais activo e influente crítico do momento, em Março de 1903. O texto do português configura-se como um exemplo paradigmático das asserções de Gas Barrachina (2018) acerca da visão essencialista da mulher que dominava inclusive no seio dos círculos mais progressistas e liberais, a qual limitava a sua emancipação, associando-a a conceitos como doçura, sensibilidade, graça, gentileza, serenidade, ou a meros aspectos de aparência física. Com efeito, referindo-se à autora, afirma Braga (1900: 5) que “En su obra, se descubren dos aspectos femeninos, que la hacen sobresalir en este medio social moderno; *posee ternura, esa cualidad delicada y fundamental de la mujer, y energía, rara en su sexo*, pero que la impulsa a generosas iniciativas”, energia essa que, reitera ainda, “contrasta con la apatía

⁷ Não sem ambiguidade, já que, como recorda Gómez Trueba (2002), *La España Moderna* publica também obras de Spencer, traduzidas por Unamuno, sobre a inferioridade intelectual da mulher; ou o texto “Las mujeres y el darwinismo”, tradução resumida de um ensaio de R. Kossman contra o feminismo, entre outros.

⁸ Sobre a intensa relação de Pardo Bazán com Portugal, veja-se Herrero Figueroa (2007), Lourenço (2010) ou Freire López (2011).

⁹ Estas cartas seriam publicadas pela mesma *La España Moderna* em Março de 1894 (pp. 61-94), sob o título “Las cinco cartas amorosas de la monja portuguesa Mariana Alcoforado”, em tradução assinada pelo Lic. Pero Pérez.

normal de su sexo” (idem: 7). Das suas palavras se desprende, portanto, uma circunscrição da área de intervenção pública da mulher, em geral, e de Alice Pestana em particular, em quem elogia fundamentalmente a intervenção pedagógica e social, subvalorizando desse modo a sua produção literária: “Después de este trabajo literario, doña Alice Pestana tuvo saudades de su vida de acción, y encontró *el objetivo verdadero y único de la mujer en la civilización moderna*: fundar la paz social hasta hoy no comprendida de los políticos y de los gobiernos” (idem: 8-9; sublinhados meus), referindo-se em concreto à fundação da Secção Feminina da Liga Portuguesa da Paz, “donde doña Alice Pestana ha desenvuelto su energía femenina, conciliando voluntades, armonizando desacuerdos de opinión, excitando apatías, despertando ideales en los espíritus”, acentuando deste modo caracteres conciliatórios pretensamente femininos.

Muito mais apurada é a perspectiva do crítico espanhol, que, a propósito de uma outra novela da autora, *Desgarrada*, destaca “cierto sentido feminista” (Gómez de Baquero, 1903: 146), ao passo que em *Genoveva Montanha* encontra “muchacha psicología femenina”, dando ênfase em especial a que uma tal psicologia se lhe revela “auténtica”, isto é, “interpretada por una mujer” (idem: 145).

Com efeito, inscrevendo-se Pestana, como vimos, num movimento feminista de dimensão verdadeiramente ibérica, cabe agora comprovar a profundidade da sua crítica feminista através de uma leitura detalhada de “Genoveva Montanha”, novela traduzida em páginas de *La España Moderna* que confirma que é sob tónica feminista que a sua presença se afirma em Espanha, não apenas pela sua acção como pedagoga e como intelectual institucionalizada, mas também como autora de ficção narrativa.

6. Genoveva Montaña

Não há, efectivamente, melhor enquadramento para entender as condicionantes de género que perderam o nome e a obra de Alice Pestana no tempo, nem melhor resposta ante a injustiça de um tal esquecimento, que esta novela epistolar, publicada originalmente em Lisboa, na Companhia Nacional Editora, em 1897 e 1898, e cuja versão espanhola viria a

ser editada em livro, ainda em 1900, já que ela ilustra cabalmente a densidade da visão feminista da autora, inscrevendo-a numa ampla inquirição dos rumos da modernidade capitalista. A propósito de um quase só sugerido amor platónico entre Genoveva e Hugo, Alice Pestana explora a dicotomia própria da aceleração dos processos de modernização própria do período em causa, em cujo contexto se desenha a indecisão afectiva das personagens principais. A protagonista, Genoveva, vivendo em meio rural com a mãe Feliciano, e incitada pela irmã Laura a emancipar-se da tradição e a aderir aos novos modos da urbanidade burguesa, sofre com veemência e angústia todo o jugo e todo o jogo social, retirando-se para a solidão e para a natureza ante a forçada representação de um papel feminino que, seja em clave antiga ou moderna, se lhe afigura insuportável. Hugo, também ele encantado da vida rural, interessado pelas artes e pelas letras, vê-se outrossim impelido à vida prática por Enrique, amigo emigrado em Paris que censura nele o apego a Portugal, acabando por ceder.

Assim, através da narrativa de um amor nunca sequer esboçado na prática e soçobranço à pressão de uma sociedade pretensamente progressista e liberal, Alice Pestana faz ancorar o diagnóstico de um machismo sempre vigente numa denúncia dos vícios violentamente hierárquicos da sociedade moderna, a qual, sob a retórica do progresso, não faz senão agudizar, em ambiente urbano e cosmopolita, a mesma ordem fundamentalmente machista e classista que permeava a sociedade rural portuguesa. Esta novela inscreve-se, pois, com singular profundidade argumentativa, na expressão contramoderna da modernidade estética que é, no entender de autores como Calinescu (1987), Berman (1988) ou Löwy e Sayre (1992), um dos seus aspectos cruciais e que constitui um dos traços fulcrais do modernismo hispânico, segundo Cerezo Galán (2003) ou Montaldo (1994).

Se é certo que, conforme observa Gas Barrachina (2018: 54) a propósito da representação da mulher em *La España Moderna*, o século XX assistiu a um conjunto de mutações socioculturais que suscitou um novo modelo de identidade feminina entre as classes médias e altas, em larga medida inspirado pelo referente francês, projectando um novo ideal de mulher intelectual e independente que rompe com os esquemas tradi-

cionais,¹⁰ Alice Pestana mostrou-se particularmente arguta na representação, através do enredo desta sua ficção, da persistência das raízes discriminatórias no seio da moderna sociedade urbana e cosmopolita, não cedendo a maniqueísmos ou simplificações e revelando o fundo machista transversal a todas as personagens da novela, confluindo desse modo com a suspeita de Pardo Bazán a respeito das conquistas emancipatórias da mulher moderna (cf. Sotelo Vásquez, 2014). Vejamos, mais em detalhe, como tal se desenha no texto em causa.

Os casos mais paradigmáticos dessa persistência dão-se, no enredo da novela, no perfil das personagens masculinas secundárias. Assim, Enrique, incitando Hugo a uma vida prática subsumida ao utilitarismo profissional e ao privilégio de classe, e revelando desse modo o ensejo de perpetuar os vícios de uma ordem de influências e poderes antigos sob roupagens novas, relega a mulher para um papel meramente subsidiário:

Podías, sin apenas costarte, haber estudiado una cosa que constituye una preparación para la diplomacia, y sacaría provecho de la influencia, aún no extinguida, de tu difunto padre en esa esfera de monóculo, de los botines claros y de la novela vistosa. (...) gozarías vida ligera en perpetua atmósfera de reverencias y mujeres rubias. (Caïel, Julho de 1900: 12)

Censurando em Hugo o ímpeto patriota e a mania artística, e ao procurar as vantagens de um mundo de fronteiras geográficas diluídas: “Nada para triunfar de la vida como el estudio de los medios y la adaptación completa. En París trato de ser parisiense” (idem: 13), Enrique afirma, afinal, a pervivência das fronteiras sociais determinadas por um poder de classe de herança masculina e machista: “¡Oh grandísimo bruto! ¡Teniendo un tío millonario, que te paga viaje y te llama cariñosamente a sus brazos, vacilas y te paras, como un baby! Decididamente, no eres hombre del siglo” (idem: 20). A despeito de condenar em Hugo o seu encantamento por Genoveva, aconselha o matrimónio por interesse, dada a solvência económica de Feliciano, mas não sem insistir que a convença a viver na cidade, sonhando o seu próprio arbítrio, asseverando que “El hombre que no sea tonto consigue lo que quiera de la mujer enamorada” (Caïel, Setembro de 1900: 44).

¹⁰ Surgem, neste contexto, *La mujer moderna* (1920) de María Lejárraga ou *La mujer moderna y sus derechos* de Carmen de Burgos (1927).

Um outro pretendente de Genoveva, Martim, Visconde por oportunismo, revela cabalmente a associação de classismo e machismo na novela: “En las ojeadas que estoy echando, es un poco para asustarme la suegra, mujer del todo plebeya, hablando por la gramática de mi cocinera y vistiendo por un figurín exótico que es sólo suyo” (Caïel, Agosto de 1900: 16). As suas palavras estão impregnadas de um senso de menorização, desumanização e instrumentalização da mulher:

Cuatro días no siempre bastan para estudiar a una mujer, aunque sea una provinciana, aparentemente sencilla. Además esta habla poquísimo, lo que todavía no pude averiguar si será debido a estupidez, afectado recogimiento con toques de romanticismo o simple timidez. Deseo la última de las hipótesis, no desprovista de cierto interés picante. Estúpida, preferiría ya ahora que no lo fuese. Romántica es lo que no la quiero de ningún modo. (...) El ideal sería obtener un agradable animalito muy dócil, sin hechura propia, a quien yo formase a mi modo, un poco a lo Rousseau. ¿Pero será esto posible en los tiempos de feminismo que corren? (idem: 18-19).

A sua prepotência é notória: “La pequeñuela ha de estar muerta por verse libre de esta cargantísima soledad. En tales casos todas las mujeres piensan lo mismo. Esta, apenas me ponga definitivamente a estudiarla, la descifro en veinticuatro horas” (idem: 20), mostruário acabado do abecê do machismo, feito de generalizações —*todas las mujeres piensan lo mismo*—, infantilizações —*la pequeñuela*— e sobranceira arrogância —*la descifro en veinticuatro horas*—.

Essa prepotência é bífida, denotando a associação que Alice Pestana sempre faz entre classismo e machismo: “Hay, además, otra cosa a que las mujeres no resisten. la fascinación del título. Pensé en esto adquiriendo mi vizcondado. Todas se dejan embriagar por este fluido, ¡cuanto más una provinciana de este calibre!” (idem: 19-20). Sintomático da suspeição da autora quanto à potência emancipatória da nova ordem moderna é o facto de o Visconde preferir Laura a Genoveva, denotando a maior adaptabilidade da primeira aos requisitos dessa mesma ordem que, sendo nova nos modos, condena ainda a mulher ao estatuto de utensílio, sob retórica sempre predatória: “La hermana, una Laura muy picante, (...) le es muy superior, si no en belleza, al menos en gracia, en espíritu, en

desenvoltura, ese quid que a veces vuelve a las mujeres peligrosamente atractivas. Eso es una muchacha distinguida” (idem: 20).

Já Hugo, o protagonista masculino da novela, não adere facilmente à nova ordem, detentor de uma herança intelectual clássica, mas também ela, acrescente-se, exclusivamente masculina, o que serve a Alice Pestana para destacar, uma vez mais, a persistência do privilégio de classe e de género. Enamorado de Genoveva, o seu temperamento afina pelo estilo de vida que a ela é mais caro, resistindo aos apelos da vida moderna, traduzindo a vocação contramoderna que permeia o modernismo de Pestana:

Ese torbellino de París no me atrae ahora. Estoy, efectivamente, atravesando una crisis bucólico-contemplativa. Estos quince días pasados en la provincia me han producido la sensación de un gran refrigerio espiritual. Sería muy feliz quien, dotado de fuertes cualidades sensitivas, se contentase siempre con una vida así, en perpetuo contacto con la naturaleza, libre de ambiciones estúpidas, de feroces egoísmos, de helados fingimientos, vida en que las mayores conmociones fuese los accidentes de la atmósfera y los pequeños sucesos de la familia. Lo que llamamos civilización nos obliga a huir de la naturaleza, tal vez de la felicidad. (idem: 21)

Hugo vê-se assim num inusual entorno que, na sua ordem exclusivamente feminina – “¿Y sabes quién dirige todo, alma, siempre presente, de esta feracísima propiedad? La propia dueña, a pesar de que debe andar ya muy cerca de los sesenta. Es prodigiosa la energía de esta mujer. ¡Y todavía hay quien pretende que las mujeres no tienen sentido de gobierno!” (idem: 21-22) –, simultaneamente o atrai e repele. Neste ambiente dominado pela mulher, à margem da ordem social imposta pela cidade moderna – a matriarca, Feliciano, é, sintomaticamente, “completamente iletrada” –, Hugo, viciado justamente pela transversal e duradoura educação machista, sendo-lhes sensível, não se consegue desprender por inteiro, no entanto, dos seus preconceitos: “Pero en compensación, la prima doña Feliciano está dotada de cualidades que es costumbre considerar varoniles, y que han sostenido en excelente pie la casa desde la precoz viudez que la dejó señora absoluta de todos sus dominios.” Se presente que só a viuvez liberta a mulher para a propriedade absoluta dos seus domínios, a verdade é que a própria expressão linguística denuncia a sua cedência ao machismo, ao fazer pender de si e do seu interesse o fascínio da mulher, afirmando que Feliciano seria “un verdadero ideal

para suegra”, dada a sua “horandez antigua” que o faz sentir “las delicias incomparables del *home*” (idem: 22). O uso do inglês *home* vaticina a sua futura cedência à moderna ordem urbana, contra o que ele próprio afirma, em sugestiva paronímia com o vocábulo português *homem*. E, embora reconhecendo que na quinta de Feliciano

todo (...) me seduce, me embriaga y me torna mejor. (...) Me parece la vida un perenne gozo sin maldad; el mundo un paraíso ideal (...) Siento que vivo mil veces más cuando estoy aquí. Si, arrancándome de pronto a semejante éxtasis, me vuelvo a Lisboa, soy como el condenado inocente cruelmente lanzado al cumplimiento de una pena que no mereció,

não deixa de se questionar: “Pero (...) ¿Quién me garantiza que esta embriaguez de mi espíritu podrá mantenerse a través de los tiempos?” (Cañel, Agosto de 1900: 39).

Ora Hugo reconhece o perfil intimamente avesso a essa moderna ordem urbana de Genoveva:

nunca desistirá de la vida campesina y libre en que se creó. Detesta la sociedad como una monja. Adora la naturaleza y el campo. (...) ¿Te parece que quien a los veintidós años tiene estos hábitos y estos gustos se conformará nunca con el prosaico automatismo de nuestra Avenida, o con el insípido y artificial isocronismo de nuestros movimientos modernos? Esta mujer (...) no cambiaría nunca de buen grado este murmurador y tranquilo ambiente por el grosero convulsivo respirar de una ciudad. (idem: 38).

Associando-a ambigualmente ao “aroma acre de la naturaleza rústica, templado de cuando en cuando por las dulzuras de la rosa, de la vainilla y de los naranjos en flor”, a verdade é que também ele se descobre “excrando más que nunca esta prosa huera de las calles de Lisboa, sucias y fétidas, la charla insulsa de nuestros cafés, las caras afectadas de nuestras patricias, pavoneándose en la Baja, en un mísero tendadero de insignificancia suprema” (idem: 36).

Não obstante, esta potencial cumplicidade de temperamentos vê-se obstruída pelo vício de expectativas imposta pela hierarquia social, já que a singularidade de Genoveva – sempre caracterizada como “tan enigmática, con su gran aire sibilino” (ibidem), como um “mito tan impenetrable” que “me desorienta”, “temperamento singular” ou “perturba-

dor misterio” (idem: 37)¹¹ – não apenas o atrai como “un originalísimo tipo de muchacha”, como acicada nele o olhar machista, referindo-se-lhe também como “sencilla e ingenua provinciana” cuja originalidade é vertida em bizzaria, surgindo como um “caprichoso compuesto” da natureza. Incapaz de arrumá-la segundo o esquema habitual, com o seu “aire enigmático, incoherente, hasta diré paradójico”, insinua-se-lhe no discurso sempre a soberba e o ensejo de preservar sobre Genoveva certa superioridade: “Espero haberte convencido ahora de que la prima Genoveva, *hasta intelectualmente*, no es tan *despicienda* como todo eso, y vale por lo menos el cuidado de no dejarnos pisar por sus dorados sapatitos.” Afirmando ver nela, simultaneamente, uma “infantil sencillez que *encanta y subyuga*” e “una persistente ironia, con dejos de pedantismo, que *inquieta y repele*” (Caïel, Julho de 1900: 22; sublinhados meus), atrai-o, portanto, a simplicidade *infantil*, ou seja, aquilo que a menorizaria, ao passo que o traço da sua superioridade intelectual, a ironia, o repele, tal como o repele a sua desvantagem económica face a ela, precisamente a mesma desvantagem que por norma tocava e toca às mulheres:

Ser repelido por la mujer amada, en condiciones socialmente iguales a las nuestras o quizás inferiores, puede ser un golpe profundo en el corazón. (...) la sonrisa irónica, burlona y despreciativa, en una negativa en que yo fuera tratado como mendigo famélico, extendiendo áridamente la mano a la limosna rastreramente codiciada, es una ignominia (Caïel, Agosto de 1900: 37).¹²

A sagacidade crítica de Alice Pestana vai ainda mais longe, ao revelar como a persistência do machismo não respeita apenas às figuras mascu-

¹¹ Exactamente o tipo de impressão que marca as personagens masculinas de Pardo Bazán nos seus contos caribenhos (cf. Ribao Pereira, 2016: 49).

¹² Os índices do machismo de Hugo multiplicam-se. Desde logo, e a propósito de uma questão tão central como é a pedagogia para Alice Pestana, no achar-se ele surpreendido pela densidade da instrução ministrada por uma inglesa contratada por Feliciano para a educação das filhas: “Esta y su hermana Laura quedaron muy pequeñas sin padre. Comprendiendo por instinto que tenía de puertas adentro una grave tarea que no podía desempeñar por completo, la prima doña Feliciano tuvo un gran pensamiento: importó una inglesa, que vivió aquí algunos años, ilustrando a las dos herederas con el pulimento de una instrucción que —con sorpresa lo noté— no ha tenido nada de superficial” (Caïel, Julho de 1900: 23).

linas. Em carta à irmã, Genoveva aponta o servilismo esperado pela mãe ante o visitante masculino:

Esta obligación impuesta por mamá de divertir al primo literato con el pequeño caudal de conocimientos generales que nos dio la pobre Miss Dellaney, era para mí una pesadez. Por más que hacía, estoy cierta de que quedaba siempre muy provinciana. Estos señores de la ciudad deben observarnos con unos anteojos terribles. (Caïel, Julho de 1900: 36)

A própria Feliciano, dirigindo-se também a Laura, manifesta incompreensão pela recusa de Genoveva em submeter-se à ordem estabelecida, preferindo a solidão ao papel tradicionalmente atribuído à mulher, servil e doméstica, acusando-a de “moderneras” (idem: 29) que associa, sugestivamente, a um excesso de leituras e de educação:

Yo oy con la experiencia que tengo si tuviese hijos que criar de lo que no quería saber era de enseñanzas. Ni tomaba maestras para nada. (...) Tu hermana lo que me parece es que se puso mala de tanto leer... Las mujeres son para tratar de la tierra, de acer el pan y de tejer el paño. Lo demás son todo tentaciones del demonio, Dios me perdone. Contigo fue otro caso, porque te casaste pronto (Caïel, Outubro de 1900: 19)¹³

Já Laura, na sua aparente emancipação comportamental, tipo de mulher moderna com intensa vida social, desfrutando da superficialidade do luxo material e da intriga de salão da “sociedad elegante” (Caïel, Julho de 1900: 33), recusando a prisão doméstica – “Quedarme en casa para bostezar una velada entera, confieso que me cuesta. Leer o bordar al pie de un quinqué, com este calor, es una grandísima tontería. ¡Cuán preferible no es el aire fresquísimo de afuera, con la sal de sus cancans, que tanto divierten” –, serve embora para revelar a persistência da hierarquia machista na sociedade urbana moderna, condicionada pelas “observaciones fastidiosas” da sogra e pelos “leves reparos” do marido (idem: 34) que a não queria deixar ler Flaubert. Fazendo, aliás, da leitura de *Madame Bovary* não o instrumento emancipatório que teria a potência de ser, mas tão-só obediente distintivo burguês:

¹³ Note-se como a grafia de Feliciano demonstra uma vez mais a atenção da autora à questão da educação feminina, dando conta da sua pouca instrução, que contrasta notavelmente com a das filhas.

Estaba avergonzada de no conocer a Flaubert, ¿sabes? Desde que es moda que las mujeres lean novelas, se pone una cara muy idiota cuando hay que confesar que no se leyó, por lo menos, una obra de cada novelista de fama (...) ¡Me apena tener tan poca memoria! Conozco muchachas que, sabiendo poquísimo, hacen un gran papel en los salones, auxiliadas solamente por la memoria. (idem: 38)

a sua máxima é “Es preciso ir con los tempos” (Caïel, Agosto de 1900: 23), pretendendo convencer Genoveva a casar com o Visconde que esta execra, destacando a sua “reputación de rico” e concluindo que “Las mujeres deben casarse” (Caïel, Julho de 1900: 36), denunciando a sua obediência à ordem machista e classista vigente.

Genoveva, justamente, acusa em Laura essa obediência. Sensível a uma tal vigência de uma ordem hierárquica no meio em que a irmã se move, afirma que “No puedo soportar aquella vida de frivolidad y de mentira, en que todo es falso, desde el artificio de la toilette al artificio de los besos y de las sonrisas, y al de los sentimientos que esas muecas ocultan” (Caïel, Setembro de 1900: 51). Ao pressentir que “Esos cancans que te divierten harían mi desesperación, o, por lo menos, mi aburrimiento. Despréndese de ellos un hálito envenenado que debe secar las propias plantas, como nos seca el alma” (Caïel, Agosto de 1900: 13), bem se lhe poderiam aplicar as palavras de Ribao Pereira (2016: 55) a propósito das protagonistas femininas dos contos caribenhos de Pardo Bazán: “En ninguno de ellos sus protagonistas se resignan a la petrificación eterna (...), sino que se colocan al margen de la sociedad, de la racionalidad, de la lógica o de la moral para llevar adelante su ideal de vida.” Nesta mesma linha, Genoveva escolhe a solidão do campo: “Es en el campo, sobre todo, cuando me hallo muy sola en medio de la Naturaleza, tan bella, tan interesante, tan grandiosa y tranquila, donde se me aparece la misteriosa y fugitiva imagen de la felicidad, a veces como realidad tangible” (Caïel, Setembro de 1900: 48).

A sua recusa da sociedade é uma recusa da opressora dominação masculina. A propósito da visita do Visconde, com o seu “discurso poseur y vacío” como um “eco siniestro de tempestad”, com o seu “aire de conquista tan descortés”, os seus “galanteos de salón”, o seu “exageradísimo *snobismo*”, conclui, exasperada, com uma terrível sentença —“¡Y

pensar que hay tantos vizcondes de Sendim!”—, que, “Desde que que este hombre entró aquí, me atacó opresivamente un silencio invencible (...) una tristeza, un malestar, que me ponía realmente estúpida” (Caïel, Agosto de 1900: 21). Vive nela o impulso para romper com o servilismo, mesmo para com o homem que ama:

A veces, conversando con el primo Hugo, (...) me entraba en seguida un deseo de tratarlo desabridamente, de molestarlo, de hacerle entender que también una provinciana puede sentir el mayor desprecio por las costumbres amaneradas de la vanidosa civilización (Caïel, Julho de 1900: 27).

Hugo surge-lhe como “astuto y cruel enemigo” (Caïel, Setembro de 1900: 52), na medida em que uma putativa relação a forçaria a renunciar à própria identidade:

la impresión de su ausencia es para mí de alivio; cierto desahogo como supongo deben sentir los actores dramáticos cuando, terminado el espectáculo, se encuentran otra vez en posesión de su naturaleza, libres de un papel opresivo que les pesaba como verdadera armadura de hierro (Caïel, Julho de 1900: 27).

Nele projecta assim um “miedo que llega a ser casi terror”, já que, em vez de trazer “el equilibrio, la reposada paz, el dulce contentamiento de quien sintió completarse”, lhe virá antes “perturbar irreparablemente nuestra existencia, matando ideales, aspiraciones y creencias, elementos sin los cuales la vida de la mujer nunca dejará de ser una tremenda miseria” (Caïel, Setembro de 1900: 49).

Deste modo, Genoveva não apenas se afasta da ordem tradicional personificada pela mãe como da ordem moderna personificada por Laura. O desenlace da novela faz-se, assim, ilação da transversalidade da ordem social machista. Hugo rende-se por fim à moderna vida urbana e burguesa, casando com Kate e mudando-se para Londres. Renuncia a todos os seus princípios, obedecendo aos códigos de classe:

Lord Duff me obliga a vestirme en casa del mejor sastre, a pagar las cuentas a fin de mes, manera delicada e ingeniosa de proveer desde luego espléndidamente a las pompas de mi guardarropa. ¡Qué vida esta, querido Enrique! ¡Qué bullicio tan distinto de todas mis perspectivas! ¡Tal vez también de todas mis tendencias! (Caïel, Setembro de 1900: 65-66)

abdicando explicitamente dos seus ideais, vencido pela ordem social dominante: “Después de cierta edad es tontería ser idealista. Siempre predominará la materia en la vida social. A ella nos hemos de inclinar de buen o mal grado. Para equilibrarnos en la vida, es preciso embrutecernos” (idem: 67).

Genoveva, por seu turno, e em sentido inteiramente contrário, não cedendo ao materialismo e reiterando a dimensão nitidamente socio-económica e ideológica do feminismo de Alice Pestana, cria uma instituição de acolhimento para pobres – “A sus cuerpecitos enfermizos di alimento y comodidades; di alguna luz a sus ávidos entendimientos; restituí la hermosa sonrisa de la infancia a sus labios precozmente contraídos y pálidos; volvílos saludables, alegres, felices...” –, sendo embora ciente dos escolhos da sua opção. Tocam-na, assim, as mesmas angústias que terão tocado a própria Alice Pestana na sua empresa do Protectorado del Niño Delincuente: “¿Felices? Aquí me asaltaron, me atormentaron en seguida dudas punzantes” (Caïel, Outubro de 1900: 14-15). Particularmente significativo da dimensão feminista da novela é o modo como essas suas dúvidas pungentes se prendem com a exclusão a que a sociedade vota especificamente as mulheres, em concreto através das hierarquias de acesso ao trabalho:

¿Qué voy a hacer de todas estas criaturas, casi todas niñas? ¿Qué tremenda responsabilidad no es la de resolver el problema de su porvenir! ¿Debería adiestrarlas para que trabajasen en la industria? ¿Y estará preparada la sociedad portuguesa para, terminado el periodo de aprendizaje, hacer efectivo ese provecho? ¿Y en la vida práctica podrán encontrar estas niñas empleo remunerador a su actividad? (idem: 15-16)

Sensível à desigualdade de género e de classe, questões intimamente ligadas, como vimos, em todo texto, o ímpeto feminista de Genoveva vai ainda mais longe, ao fazer-se, contra todo o seu entorno, agente de uma sororidade verdadeiramente transgressora:

¿Quieres saber otra cosa de tu hermana que no comprende nadie? Creo que ella allí en el asilo, por lo menos así me lo contaron, empezó a decir a las mujeres que cuando se encontrasen en algún atranco, sin saber por dónde había de salir, que viniesen a estar con ella, que luego lo arreglaba todo y le daría los consejos que viniesen a cuento. No digo nada. Siempre está aquel patio lleno de mujerío. (idem: 18)

Finalmente derrubada por longas febres, Genoveva é, pois, evidentemente, um *alter ego* de Alice Pestana. Se a solidão e a incompreensão da personagem expressas por esta passagem coincidem com as que a história cultural portuguesa abateu sobre a sua criadora, esta, por via ficcional, anagramaticamente no pseudónimo empregue, e alusivamente na personagem que a fixa para a posteridade, resiste ainda hoje à absoluta dissipação.

Enquadrada numa perspectiva ibérica com uma das mais activas e produtivas mediadoras culturais entre Portugal e Espanha de inícios do século XX, e valorizando para tal a tradução como prática que justamente transcende as limitações dos cânones nacionais, mais a sua relevância intelectual, pedagógica e literária se faz patente. Alice Pestana converte-se, assim, numa leitura ibérica, numa das mais importantes figuras de um feminismo de alcance peninsular, alcance esse que encontra na tradução de “Genoveva Montanha” um dos seus corolários. Prolongando em castelhano uma inquirição dos rumos da modernidade capitalista, com a sua pervivência de hierarquias socioeconómicas e de um machismo estrutural que encontra resistência contracultural na defesa da educação, da inclusão e da sororidade, a relevância, não apenas sociológica, mas propriamente literária de Alice Pestana, que em português não se lhe tem reconhecido, faz-se agora evidente.

Referencias bibliográficas

- Andersen, Margart L. e Hill Collins, Patricia (ed.) (1992): *Race, Class, and Gender: An Anthology*, Belmont (CA): Wadsworth Publishing Co.
- Berman, Marshall (1988): *All That Is Solid Melts into Air: The Experience of Modernity*, Londres: Penguin Books.
- Bermúdez, Silvia e Johnson, Roberta (ed.) (2018): *A New History of Iberian Feminisms*, Toronto: University of Toronto Press.
- Braga, Teófilo (1900): “Caïel”, *La España Moderna*, 12: 139, pp. 5-10.

- Braidotti, Rosi (2011): *Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory*, Nova Iorque: Columbia University Press.
- Cabrera Bosch, María Isabel (1988): “Las mujeres que lucharon solas: Concepción Arenal y Emilia Pardo Bazán”, em Pilar Folguera: *El feminismo en España: dos siglos de historia*, Madrid: Pablo Iglesias, pp. 29-50.
- Caïel [Alice Pestana] (Julho de 1900): “Genoveva Montaña”, *La España Moderna*, 12: 139, pp. 11-39.
- Caïel [Alice Pestana] (Agosto de 1900): “Genoveva Montaña”, *La España Moderna*, 12: 140, pp. 13-41.
- Caïel [Alice Pestana] (Setembro de 1900): “Genoveva Montaña”, *La España Moderna*, 12: 141, pp. 42-71.
- Caïel [Alice Pestana] (Outubro de 1900): “Genoveva Montaña”, *La España Moderna*, 12: 142, pp. 5-33.
- Calderwood, Eric (2018): *Colonial Al-Andalus: Spain and the Making of Modern Moroccan Culture*, Cambridge (MA): Harvard University Press.
- Calinescu, Matei (1987): *Five Faces of Modernity: Modernism, Avant-Garde, Decadence, Kitsch, Postmodernism*, Durham: Duke University Press.
- Câmara, Isabel Maria dos Santos Baptista da (1996): *Pensar o feminino. Alice Pestana e a Educação* [tese de Mestrado], Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Cerezo Galán, Pedro (2003): *El mal del siglo. El conflicto entre ilustración y romanticismo en la crisis finisecular del siglo XIX*, Madrid: Biblioteca Nueva.
- Charnon-Deutsch, Lou (2005): “Concepción Arenal y los debates decimonónicos sobre la educación y la esfera de la mujer”, em Lisa Vollendorf: *Literatura y feminismo en España: (ss. XV- XXI)*, Barcelona: Icaria, pp. 187-206.

- Cordero Hoyo, Elena e Soto Vázquez, Begoña (2020): *A Feminist Approach to the Cinemas of Portugal and Spain*, Bristol: Intellect Books.
- Davies, Rhian (2012): “La cuestión femenina and *La España Moderna* (1889–1914)”, *Bulletin of Spanish Studies*, 89: 1, pp. 61-85.
- Dolce, Alessandra (2018): “Carmen de Burgos y la cultura portuguesa”, *Estudios románicos*, 27, pp. 25-32. <https://doi.org/10.6018/ER/346501>
- Edfeldt, Chatarina (2006): *Uma história na História. representações da autoria fe-minina na História da Literatura Portuguesa do século XX*, Montijo: Câmara Municipal do Montijo.
- Ena Bordonada, Ángela (2021): “La invención de la mujer moderna en la Edad de Plata”, *Feminismo/s*, 37, pp. 25-52. <https://doi.org/10.14198/fem.2021.37.02>
- Esteves, João (2001): “Os Primórdios do Feminismo em Portugal: a 1ª Década do Século XX”, *Penélope*, 25, pp. 87-112.
- Ezama Gil, Ángeles (2013): “Ana de Castro Osório, una mujer que traspasó fronteras: sobre unos textos olvidados en la española *Revista de la Raza*”, *Revista de Escritoras Ibéricas*, 1, pp. 101-128. <https://doi.org/10.5944/rei.vol.1.2013.1152>
- Fernández, Pura (ed.) (2015): *No hay nación para este sexo. La Re(d) pública transatlántica de las Letras: escritoras españolas y latinoamericanas (1824-1936)*, Madrid; Frankfurt Am Main: Iberoamericana.
- Gas Barrachina, Silvia (2018): “Revisión de la figura femenina en *La España Moderna* a través de su representación en la pintura”, *Femeris*, 3: 1, pp. 49-88. <https://doi.org/10.20318/femeris.2018.4073>
- Gimeno Ugalde, Esther (2021): “¿El giro translacional en los Estudios Ibéricos?”, *Revista de Estudos Literários*, 11, pp. 47-76. https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_2
- Gimeno Ugalde, Esther; Pinto, Marta Pacheco e Fernandes, Ângela (Ed.) (2021): *Iberian and Translation Studies: Literary Contact Zones*, Liverpool: Liverpool University Press.

- Gómez de Baquero, Enrique (1903): “Crónica literaria”, *La España Moderna*, 15: 171, pp. 145-154.
- Gómez Trueba, Teresa (2002): “Imágenes de la mujer en la España de finales del XIX: ‘santa, bruja o infeliz ser abandonado’”, *CiberLetras: revista de crítica literaria y de cultura*, 6, pp. 90-125.
- Guillén, Claudio (1989): *Teorías de la historia literaria (ensayos de teoría)*, Madrid: Espasa-Calpe.
- Harkema, Leslie (2019): “Haciéndonos minoritarixs. Canon, género, traducción y una propuesta feminista para los estudios ibéricos”, em Cristina Martínez Tejero e Santiago Pérez Isasi: *Perspectivas críticas sobre os estudos ibéricos*, Veneza: Edizioni Ca’Foscari, pp. 137-152.
- Hernández Díaz, José María (2012): “Alice Pestana, educadora portuguesa republicana en la Institución Libre de Enseñanza”, *Historia de la educación: Revista interuniversitaria*, 31, pp. 257-273. <https://revistas.usal.es/tres/index.php/0212-0267/article/view/9387>
- Hernández Díaz, José María (2022): “Krausoinstitucionismo, positivismo y educación en Alice Pestana”, en Roberto Albares Albares, Domingo Hernández Sánchez, José Luis Mora García e Cristina Hermida de Llano: *Mujer y filosofía en el mundo iberoamericano*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 215-223. <https://doi.org/10.2307/j.ctv333ksc2>
- Lowy, Michael e Sayre, Robert (1992): *Révolte et Mélancolie. Le romantisme à contre-courant de la modernité*, Paris: Payot.
- Machado, Bernardino, (1930): “Alice Pestana”, em VVAA: *Alice Pestana. In Memoriam. 1860-1929*, Madrid: Julio Cosamo, pp. 23-38.
- Mochila, Miguel Filipe (2022): *Modernidade Difusa. A Receção Hispânica de Eugénio de Castro*, Évora: Imprensa da Universidade de Évora. <https://imprensa.uevora.pt/uevora/catalog/book/29>
- (2022a): “Silenciosos peregrinos. Hacia una lectura de la presencia portuguesa en las revistas del modernismo castellano”, en Antonio Sáez Delgado: *La invasion silenciosa. Presencia portuguesa*

- em las revistas literarias ibéricas (1900- 1950)*, Gijón: Trea, pp. 19-36.
- Montaldo, Graciela (1994): *La sensibilidad amenazada: Fin de siglo y Modernismo*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora.
- Navarro Domínguez, Eloy (2010): “Ramón Gómez de la Serna, Carmen de Burgos y el ‘descubrimiento’ de Portugal”, en Antonio Sáez Delgado e Luis Manuel Gaspar: *Suroeste: Relaciones literarias y artísticas entre Portugal y España (1890-1936)*, Badajoz: MEIAC, pp. 257-281.
- Navarro Domínguez, Eloy (2014): “Portugal en la obra de Carmen de Burgos”, *Limite: Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía*, 8, pp. 19-35. <https://publicaciones.unex.es/index.php/limite/article/view/1501>
- Pérez Isasi, Santiago (2021: 36): “Luces y sombras en los Estudios Ibéricos: Un estado de la cuestión diez años después”, *Revista de Estudos Literários*, 11, pp. 19-46. https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_1
- Pérez Isasi, Santiago e Rodrigues, Catarina Sequeira (2021): “Escritoras e intelectuales mujeres en las redes de intercambio cultural ibérico (1870-1930): tareas pendientes”, *Repositório da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Comparatistas*, consultado em 10 de Agosto de 2023: <http://hdl.handle.net/10451/46704>.
- Pestana, Alice (1935): *El Protectorado del Niño Delincuente. Un Ensayo de Educación Correccional*, Madrid: Julio Cosamo.
- Reimóndez, María (2013): “Faros na escuridade. Ideoloxía e tradución: os en-fokes feministas e poscoloniais”, em Xesús M. Mosquera Carregal: *Lingua e tradución*, Corunha: Universidade da Corunha, pp. 163-82.
- Reimóndez, María (2017): “We Need to Talk... to Each Other: On Polyphony, Postcolonial Feminism, and Translation”, em Olga Castro e Emek Ergun: *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives*, Londres: Routledge, pp. 42-55.

Ribao Pereira, Montserrat (2016): “‘Soy una voluntad’: La *cuestión de la mujer* en los cuentos para las Américas de Emilia Pardo Bazán”, *Revista de Escritoras Ibéricas*, 4, pp. 43-74. <https://doi.org/10.5944/rei.vol.4.2016.17036>

Sáez Delgado, Antonio (2014): “Relaciones literarias entre Portugal y España. 1890-1936: hacia un nuevo paradigma”, 1616: *Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada*, 4, pp. 25-45. https://revistas.usal.es/dos/index.php/1616_Anuario_Literatura_Comp/article/view/12995

Sánchez, Lola (2014): “Productive Paradoxes of a Feminist Translator: Carmen de Burgos and her Translation of Möbius’ Treatise, *The Mental Inferiority of Woman* (Spain, 1904)”, *Women’s Studies International Forum*, 42, pp. 68-76.

Santana, Mario (2015): “Translation and Literatures in Spain, 2003-2012”, 1611: *Revista de Historia de la Traducción/A Journal of Translation History/Revista d’Història de la Traducció*, 9, consultado em 7 de Agosto de 2023. <http://www.traduccionliteraria.org/1611/art/santana.htm>.

Santiáñez, Nil (2002): *Modernidad, historia de la literatura y modernismos*, Barcelona: Crítica.

Servén Díez, María del Carmen; Bados Ciria, Concepción; Noguera Guirao, Dolores; Sotomayor Sáez, María Victoria (2007): *La mujer en los textos literarios*, Madrid: Akal.

Simón-Palmer, María del Carmen (2010): “Carmen de Burgos, traductora”, *Arbor: Ciencia, Pensamiento y Cultura*, 186, pp. 157-68. <https://doi.org/10.3989/arbor.2010.extrajunio3018>

Sotelo Vásquez, María (2014): “Emilia Pardo Bazán en *La España Moderna* (1889-1910)”, *Anales de Literatura Española*, 26, pp. 473-498. <https://doi.org/10.14198/ALEUA.2014.26.20>

Torres Feijó, Elias (2007): “Para umha cartografia da tradução literária entre 1900 e 1930. Portugal e Espanha”, em Ángel Marcos de Dios: *Aula Ibérica: Actas de los congresos de Évora y Salamanca*

(2006-2007), Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 347-372.

VV.AA. (1930): *Alice Pestana. In Memoriam. 1860-1929*, Madrid: Julio Cosamo.